

v.2, n.1, 2025 - Janeiro

# REVISTA O UNIVERSO OBSERVÁVEL

## EDUCAÇÃO INTEGRAL E DISCIPLINA ESCOLAR: A DOCILIZAÇÃO DOS CORPOS EM PERSPECTIVA FOUCAULTIANA

Adenilson Cardoso dos Santos Rocha<sup>1</sup>

**Revista o Universo Observável**  
**DOI: 10.5281/zenodo.14602863**  
**[ISSN: 2966-0599](http://www.issn.org/2966-0599)**

<sup>1</sup>Mestre em Linguística pela Universidade Federal de São Carlos, formado em Letras Português/Inglês pelo Instituto Superior de Educação de Barretos ? ISEB em (2011) com bolsa integral Prouni; Pedagogia e Filosofia pela UNIMES; Artes pela UNAR e cursando Biologia pela UNIMES, pós-graduado em Psicopedagogia Institucional e Clínica pela Faculdade Soares de Oliveira ? Fiso em (2013) ; tem como interesse questões relativas a Linguística, GF – gramática funcional, GDF – gramática discursivo funcional e questões direcionadas à neuropsicologia.

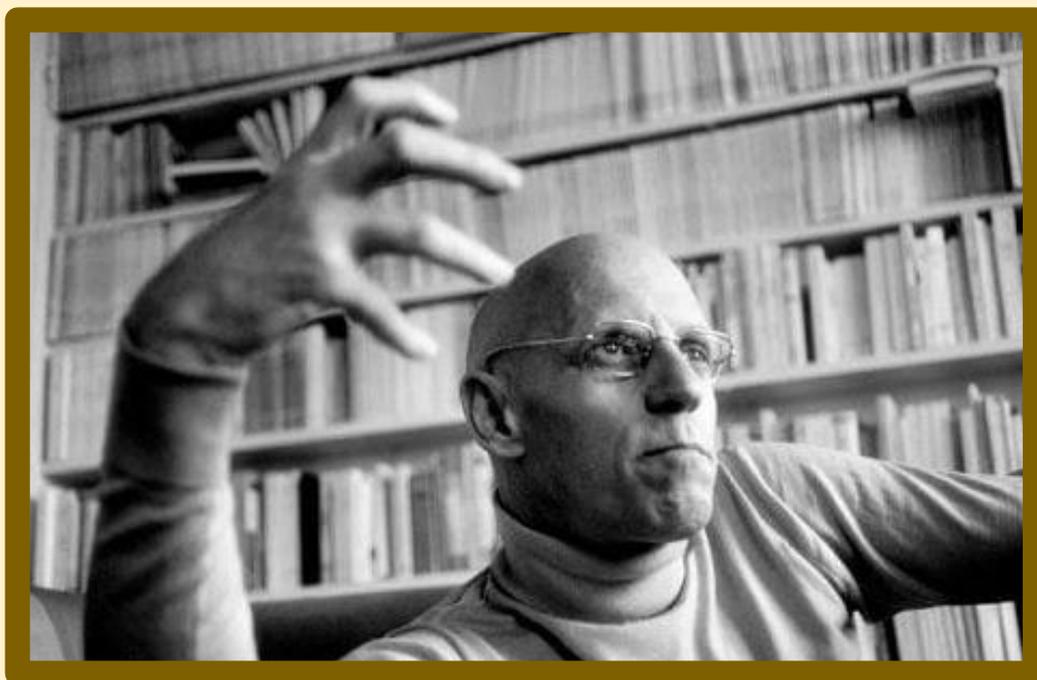
**E-mail:** [adenilsoncard@gmail.com](mailto:adenilsoncard@gmail.com)

**Lattes:** <http://lattes.cnpq.br/5370889365859604>



**EDUCAÇÃO INTEGRAL E DISCIPLINA ESCOLAR: A DOCILIZAÇÃO DOS CORPOS EM  
PERSPECTIVA FOUCAULTIANA**

Adenilson Cardoso dos Santos Rocha



Fonte: <https://forbes.com.mx/10-frases-de-michel-foucault-sobre-el-poder/>

**PERIÓDICO CIENTÍFICO INDEXADO INTERNACIONALMENTE**

**ISSN**

International Standard Serial Number  
2966-0599

[www.ouniversoobservavel.com.br](http://www.ouniversoobservavel.com.br)

**Editora e Revista**

**O Universo Observável**

**CNPJ: 57.199.688/0001-06**

**Naviraí – Mato Grosso do Sul**

**Rua: Botocudos, 365 – Centro**

**CEP: 79950-000**

## RESUMO

O artigo contempla a relação existente entre a educação integral e as práticas disciplinares no ambiente educacional; para tanto, destaca-se a docilização dos corpos, como descrito por Foucault em *Vigiar e Punir* (1987). Por meio de análise discursiva com 10 professores atuantes nesse segmento de ensino, a pesquisa investiga como o aumento do tempo no ambiente escolar, promovido pelo modelo de ensino integral, influencia o bem-estar físico e mental dos estudantes. Os resultados indicam tensões entre as demandas disciplinares educacionais e as reais necessidades dos discentes. Sendo assim, verificam-se desafios relacionados ao cansaço corpóreo e mental, associados a estratégias de resistência. Conclui-se que, enquanto esse modelo de ensino busca maior envolvimento educacional, ele também fortalece mecanismos de controle e vigilância, podendo comprometer os laços inclusivos e transformadores do ambiente educacional, portanto vislumbra-se a necessidade de práticas pedagógicas humanizadas e alinhadas às individualidades dos estudantes, valorizando seus ritmos biológicos, sociais e emocionais.

**PALAVRAS-CHAVE:** Educação Integral; Práticas disciplinares; Docilização dos corpos.

## ABSTRACT

*This article explores the relationship between integral education and disciplinary practices in educational settings, emphasizing the docilization of bodies as described by Foucault in *Discipline and Punish* (1987). Through discourse analysis involving 10 teachers working in this educational model, the research investigates how extended time in school environments, characteristic of integral education, impacts students' physical and mental well-being. The findings reveal tensions between the educational disciplinary demands and students' actual needs. Challenges related to physical and mental fatigue, as well as resistance strategies, are identified. The study concludes that while this teaching model aims to foster greater educational engagement, it also reinforces mechanisms of control and surveillance, potentially undermining the inclusive and transformative nature of the school environment. Consequently, the need for humanized pedagogical practices aligned with*

*students' biological, social, and emotional rhythms is highlighted, valuing their individualities.*

**KEYWORDS:** Integral Education; Disciplinary Practices; Docilization of Bodies.

## INTRODUÇÃO

No Brasil, a educação integral é promovida como um modelo educacional legitimado pela Base Nacional Comum Curricular (BNCC). Todavia, a inserção dessa modalidade nas instituições educacionais apresenta, atualmente, desafios e contestações por parte de professores, alunos e boa parte da comunidade escolar, embora uma parcela expressiva da população aponte o modelo como o caminho a ser seguido.

O artigo propõe examinar como o ensino integral, por meio de práticas disciplinares, exacerba a docificação dos corpos. Ressalta-se que o conceito de corpos dóceis se encontra estabelecido em Foucault (1987), por meio da obra *Vigiar e Punir*.

Aponta-se que, para Foucault (1987), o controle do tempo e do espaço, como ocorre no processo educacional, é um processo de disciplinarização que tem o objetivo definido de transformar os corpos em dóceis e submissos, dentro das demandas das instituições de poder, como a escola.

Sabe-se que a disciplina visa transformar ou moldar o corpo em um instrumento útil para o sistema. Nessa perspectiva, o corpo do trabalhador deve aumentar a produção, o do soldado deve cumprir as ordens sem questionamentos ou hesitações, e o corpo do aluno é moldado para aprender e reproduzir conhecimentos específicos.

Souza (2018) indica que existe uma tensão entre o tempo estabelecido pela escola e o tempo do corpo. Para a autora, a escola deve inovar, rompendo com a tradição de separação entre o corpo e a mente. Assim, espera-se que as atividades físicas e intelectuais não sejam tratadas de forma desconectada. A autora reconhece que, para romper com o tradicional e com a disciplinarização, a unidade escolar deve atender às mais diversificadas dimensões do ser humano, em seus aspectos físicos, sociais, emocionais, intelectuais, culturais e éticos.

Portanto, este trabalho tem como objetivo investigar como o ensino integral promove práticas disciplinares, visando moldar comportamentos e

atitudes por meio da busca por controle e vigilância no espaço escolar.

Sendo assim, por meio de uma análise discursiva de professores atuantes nesse segmento de ensino, busca-se compreender as implicações dessa condução disciplinar na formação integral discente. Questiona-se, ainda, até que ponto o aumento do tempo na escola promove uma educação transformadora e inclusiva.

#### Corpos dóceis em Foucault

A busca pelo amansamento do corpo não é algo novo. Foucault, em sua obra *Vigiar e Punir*, coloca em evidência a docificação do corpo. Para Foucault (1987), a disciplina possui como ponto de partida a partilha dos humanos no espaço; para isso, vale-se das mais diversificadas técnicas, sendo o encarceramento uma delas.

Foucault (1987) indica que várias instituições foram moldadas com o intuito de disciplinar, sendo o quartel, o convento e a escola meios para a proliferação de controle. O autor aponta que o modelo disciplinar dos conventos, locais religiosos, foi concebido pelos colégios como o norte a ser seguido, sendo o internato um regime educacional considerado perfeito no tocante à proliferação de disciplina e controle.

Verifica-se, a seguir, a produção do espaço como meio de controle:

A organização de um espaço serial foi uma das grandes modificações técnicas do ensino elementar. Permitiu ultrapassar o sistema tradicional (um aluno que trabalha alguns minutos com o professor, enquanto fica ocioso e sem vigilância o grupo confuso dos que estão esperando). Determinando lugares individuais, tornou possível o controle de cada um e o trabalho simultâneo de todos. Organizou uma nova economia do tempo de aprendizagem. Fez funcionar o espaço escolar como uma máquina de ensinar, mas também de vigiar, de hierarquizar, de recompensar. J.-B. de La Salle imaginava uma classe onde a distribuição espacial pudesse realizar ao mesmo tempo toda uma série de distinções: segundo o nível de avanço dos alunos, segundo o valor de cada um, segundo seu temperamento melhor ou pior, segundo sua maior ou menor aplicação, segundo sua limpeza e segundo a fortuna dos pais."

Então, a sala de aula formaria um grande quadro único, com entradas múltiplas, sob o olhar cuidadosamente "classificador" do professor (Foucault, 1987, p. 126).

Tragtenberg (1985, p. 68) corrobora Foucault (1987), informando que, entre os personagens a seguir — professores, alunos, funcionários, diretores e orientadores —, temos, nas unidades escolares, a reprodução diminuta das relações de poder pertencentes à sociedade. Contudo, essa relação de poder não é algo novo. É interessante compreender como se dá o processamento e o que está implícito nas

ideias e conceitos elaborados para concretizar essas relações. Portanto, é imprescindível pesquisar o poder disciplinador vigente na escola.

Esses métodos, que permitem o controle minucioso das operações do corpo, realizam a sujeição constante de suas forças e lhes impõem uma relação de docilidade-utilidade, constituindo o que podemos chamar de "disciplinas". Os processos disciplinares existem há muito tempo, mas as disciplinas se tornaram, no decorrer dos séculos XVII e XVIII, fórmulas gerais de dominação. No contexto de Foucault (1987, p. 164), a escola é apresentada como um espaço que busca impor a disciplina. Para o autor, o controle detalhado das operações corpóreas provoca uma relação docilidade-utilidade, firmando-se como meio de dominação.

Junto com o momento histórico da disciplina, nasce uma arte do corpo humano que busca torná-lo cada vez mais obediente e útil. Entretanto, esse processo, de maneira contrária, também produz uma política coercitiva do corpo, ou seja, o corpo é trabalhado por meio de uma manipulação premeditada de elementos, gestos e comportamentos.

Foucault (1987) indica que o corpo humano passa por um processo de inserção em uma maquinaria de poder que o desnuda, esmiúça, desarticula e recompõe, como se observa abaixo:

O corpo humano entra numa maquinaria de poder que o esquadriha, o desarticula e o recompõe. Uma 'anatomia política', que é também igualmente uma 'mecânica do poder', está nascendo; ela define como se pode ter domínio sobre o corpo dos outros, não simplesmente para que façam o que se quer, mas para que operem como se quer, com as técnicas, segundo a rapidez e a eficácia que se determina. A disciplina fabrica, assim, corpos submissos e exercitados, corpos 'dóceis'. A disciplina aumenta as forças do corpo (em termos econômicos de utilidade) e diminui essas mesmas forças (em termos políticos de obediência). Em uma palavra: ela dissocia o poder do corpo; faz dele, por um lado, uma 'aptidão', uma 'capacidade' que ela procura aumentar, e inverte, por outro lado, a energia, a potência que poderia resultar disso, e faz dela uma relação de sujeição estrita. Se a exploração econômica separa a força e o produto do trabalho, digamos que a coerção disciplinar estabelece no corpo o elo coercitivo entre uma aptidão aumentada e uma dominação acentuada. (Foucault, 1987, p. 165)

Sendo assim, verifica-se que a disciplina é uma maneira de perpetuar a dominação. Foucault (2019) indica que a disciplina é uma técnica de poder que produz uma vigilância infinita e fixa frente aos seres humanos.

Destarte, aponta-se que a docificação do corpo trata-se de uma tática de perpetuação do poder por meio do controle, exercido nas mais diversas

instituições e setores sociais. Vislumbra-se que, assim como no quartel, o espaço escolar é fonte de controle disciplinar. Os alunos são domesticados para seguir as regras impostas pela escola; todavia, os professores das unidades escolares também seguem regras que não foram estipuladas por eles, mas sim pelo sistema educacional no qual trabalham.

### Educação Integral e Corpo

A educação integral, atualmente, constitui-se como o modelo educacional preferido por gestores públicos. O programa encontra-se legitimado institucionalmente pela Base Nacional Comum Curricular (BNCC), instituída em 2017 para o ensino fundamental e em 2018 para o ensino médio.

De acordo com Brasil (2017), a BNCC compactua com a educação integral, firmando um compromisso com sua proliferação. O documento coloca a escola como espaço de aprendizagem e democracia inclusiva, que deve buscar forças no combate às discriminações e preconceitos, promovendo respeito às diferenças e diversidades.

No entanto, o espaço escolar da educação integral, objeto deste estudo, apresenta-se de forma distinta da idealizada pela BNCC. Retoma-se Foucault (1987), que concebe a escola como um meio de docificar o corpo, tendo a disciplina como eixo central. Observa-se que a instituição ainda preserva características do passado. Como uma “verdadeira arte de distribuição”, os indivíduos são organizados em lugares determinados por instâncias superiores. Foucault (1988) caracteriza o espaço escolar da seguinte forma:

Pouco a pouco — mas principalmente depois de 1762 — o espaço escolar se desdobra; a classe torna-se homogênea, ela agora só se compõe de elementos individuais que vêm se colocar uns ao lado dos outros sob os olhares do mestre. A ordenação por fileiras, no século XVIII, começa a definir a grande forma de repartição dos indivíduos na ordem escolar: filas de alunos na sala, nos corredores, nos pátios; colocação atribuída a cada um em relação a cada tarefa e cada prova; colocação que ele obtém de semana em semana, de mês em mês, de ano em ano; alinhamento das classes de idade umas depois das outras; sucessão dos assuntos ensinados, das questões tratadas segundo uma ordem de dificuldade crescente. (Foucault, 1988, p. 173)

No contexto disciplinar e da construção social da infância, Carvalho (2015) indica que a formação social infantil foi estruturada por meio da união de saberes sobre a criança. Para tanto, utilizou-se de ciências como a pedagogia, a psicologia e a psiquiatria, que definiram as normas do

desenvolvimento infantil. Segundo o autor, essas normas estabelecem a necessidade de saberes homogêneos, gerando deveres de aprendizagem e a elaboração de disciplinas.

Souza (2018) comenta sobre o esquecimento do corpo no ensino integral, como observa-se a seguir:

A discussão sobre ritmos escolares buscou ampliar o debate sobre os tempos presentes no tempo integral. Há um esquecimento do corpo, ritmos biológicos, necessidade de repouso, sono, momentos de produção ou descanso. Nesse sentido, chamamos a atenção para os riscos da universalização da jornada escolar diária. (Souza, 2018, p. 172)

Verifica-se que a “questão tempo escolar” muitas vezes ignora as necessidades humanas. O tempo pode ser utilizado como um instrumento disciplinador, mas cada ser humano possui necessidades fisiológicas específicas. O ensino integral, ao buscar aumentar a permanência na escola, frequentemente adota um processo padronizador.

O ambiente escolar, por sua vez, estabelece-se com base em normas disciplinares. Contudo, mesmo com avanços pontuais, o ensino ainda mantém características tradicionais, como a disposição das carteiras em sala de aula, que servem como meio de controle docente sobre os discentes.

Sobre a relação entre espaço escolar e disciplina, Valones (2003) observa:

Como espaço pensado para o ensino e a aprendizagem, a escola surge como uma instituição disciplinar. Além do tempo e do movimento, na escola é disciplinado o espaço de todos que aí trabalham sob a forma de dominação, vigilância e controle. Na escola existem os lugares do aluno, do professor, do diretor, da merendeira, da secretária; enfim, a escola é um espaço de lugares definidos; é um espaço arquitetonicamente planejado para colocar cada um no seu lugar, de acordo com as suas funções. (Valones, 2003, pp. 62–63)

Lima (2010) aponta que essa perpetuação disciplinar se dissemina por meio de práticas autoritárias que restringem o desenvolvimento humano. Esse processo é caracterizado pela imposição de ordens, acompanhada de punições e outras ações que não promovem a humanização. Tais práticas podem manifestar-se de forma sutil ou explícita.

Assim, verifica-se que, no espaço escolar, busca-se a produção de corpos submissos. Os indivíduos são organizados em lugares definidos e obrigados a seguir regras escolares, muitas vezes normatizadas por regimentos internos. Sabe-se que os discentes são os mais afetados por essa relação.

Verifica-se que, desde os escritos de Foucault (1987) até a presente data, se passaram vários anos, mas a escola, como instituição, continua praticando a proliferação de corpos dóceis, isto é, submissos e exercitados de maneira disciplinar.

#### Disciplinarização Escolar

A escola mantém-se como uma verdadeira fábrica de disciplinarização. Verificam-se, a seguir, apontamentos efetuados por Souza, Arnt e Rabuske (2007). Os pesquisadores buscaram compreender os efeitos do disciplinamento de comportamentos e atitudes no ambiente escolar. Por meio da imersão no cotidiano de uma escola de ensino fundamental e das observações em sala de aula, foi possível constatar que, na instituição, as relações de poder eram fabricadas e se manifestavam de maneira explícita. Vislumbraram-se técnicas disciplinares e atitudes rígidas com mais de um objetivo, pois, além de buscar a produção do "corpo do bom aluno", constatou-se que essas medidas também visavam capturar os "fugitivos".

Ficou nítido que a relação entre docentes e discentes, bem como entre estudantes, caracterizava a sala de aula como um local marcado por relações de submissão, controle disciplinar e embates entre aqueles que desejavam controlar os outros e aqueles que se recusavam a ser dominados por técnicas disciplinares.

Souza, Arnt e Rabuske (2007) apresentam, por meio de excertos, cenas do dia a dia de uma turma de quinta série que demonstram os tipos de relações presentes em sala de aula. O professor de Matemática solicitou que os alunos se sentassem com postura adequada, mantendo a fila reta, para realizar o trabalho que valeria nota, e distribuiu folhas com os exercícios que deveriam ser feitos.

A professora de Ensino Religioso dirigiu-se a um aluno que estava sentado e disse que lhe daria uma chance de jogar a bala ou o chiclete no lixo. De imediato, o aluno levantou-se, foi até a lixeira e jogou o chiclete fora. Após isso, a professora o repreendeu, afirmando que ele conhecia as normas de funcionamento do ambiente escolar, as quais incluem a proibição de comer balas e chicletes durante a aula. Por fim, ela o lembrou de que também era obrigatório realizar as atividades solicitadas.

Na aula de Geografia, verificou-se outra tentativa de controle discente. Ao retornar à sala, a professora foi informada de que um aluno havia saído sem permissão, uma aluna estava jogando borracha, e

outro aluno estava correndo no interior da sala. A professora chamou a atenção dos alunos envolvidos e reforçou as normas escolares.

A professora conselheira informou à turma que começaria a entrar em contato com os pais dos alunos que não trouxessem o dever de casa feito ou que não apresentassem provas e trabalhos assinados, para identificar os responsáveis que estivessem acompanhando e cientes do desempenho escolar de seus filhos.

Os autores indicam que as regras que normatizam o funcionamento escolar, determinando como toda a comunidade deve se comportar, encontram-se legitimadas pelo Regimento Escolar. Nesse documento, estão incluídos tanto professores quanto pais. No processo de regulamentação dos corpos, verifica-se a atuação de combinações realizadas entre professores e turmas, entre professores e alunos individualmente, entre docentes e também entre os próprios alunos. Assim, aponta-se que o procedimento de normalização do espaço escolar e do controle corporal se constitui em um poder central, mas que se prolifera por diversos atores sociais, formando uma rede complexa de poderes que, ora se complementam, ora se contradizem.

Referente à prática de controle escolar, Ferrari e Dinali (2012) utilizam a palavra "gaiola" para discutir a constituição da escola como um espaço de enclausuramento dos corpos com o objetivo de controlá-los por meio da disciplina.

O artigo de Ferrari e Dinali (2012) traz a palavra "gaiola" no título, em referência a um aluno do Ensino Médio do Colégio João XIII que, ao sair da escola, afirmou: "Ainda bem que estou saindo dessa gaiola." Para o aluno, aquele local assemelhava-se a uma prisão. Ferrari e Dinali (2012) destacam:

Tais falas e significados nos conduzem às produções de Foucault (1991), sobretudo no que se refere às aproximações entre instituições, disciplina, subjetividades, entre a escola moderna e a prisão. Dessas vinculações, nosso interesse é problematizar como a escola foi se constituindo como espaço que tem como uma de suas funções enclausurar os corpos para melhor controlá-los, sob uma perspectiva disciplinar. Assim sendo, a fala do aluno nos possibilita fazer aproximações entre nosso modelo de escola e o moderno. No entanto, a sensação que o aluno experimentava, à medida que ia saindo do colégio, era a de ficar fora das grades escolares, pelo menos por algumas horas, o que nos remete também à liberdade. (Ferrari e Dinali, 2012, p. 394)

Segundo Ferrari e Dinali (2012), ao caminhar pelo colégio, é possível notar semelhanças com um presídio, como a presença de grades cercando o local e o controle rigoroso no portão, onde há um porteiro.

Os corredores do Ensino Fundamental permanecem fechados, e as salas são enfileiradas, com portas equipadas com escotilhas que permitem a vigilância do interior.

Ainda segundo Ferrari e Dinali (2012), até mesmo o interior da escola é projetado para o controle dos discentes. O pátio localiza-se no centro, entre os dois prédios institucionais. Outros aspectos relevantes são os corredores e salas enfileirados, além das carteiras organizadas à frente da lousa. O professor posiciona-se na frente dos alunos para garantir maior controle dos corpos por meio da visão e do espaço geográfico. A arquitetura escolar prioriza janelas altas, que oferecem pouca visão do exterior quando os alunos estão sentados.

Chamou a atenção de Ferrari e Dinali (2012) a localização da coordenação. Este espaço está estrategicamente posicionado de modo que, de seu interior, há uma visão privilegiada das salas no andar superior, do movimento dos alunos no mesmo piso, e do pátio, graças a um grande espelho direcionado para essa área. Ressalta-se que, de fora do prédio, não é possível observar o interior da coordenação ou das salas, pois os vidros são cobertos por película azul.

Arriada, Medeiros Nogueira e Vahl (2012) indicam que a sala de aula é um espaço central na vida escolar, caracterizado por uma luta implícita pelo poder. Esse local, de dimensões reduzidas e fechado por natureza, é onde ocorre o relacionamento diário entre docentes e discentes. Nesse ambiente, disputas de poder manifestam-se explicitamente.

Esses autores também destacam a existência de uma maquinaria cuidadosamente estruturada, com o objetivo de controlar os discentes por meio de técnicas e estratégias bem elaboradas. Os bons comportamentos são valorizados e exaltados, e ocorrem avaliações, exames e premiações como forma de controle.

Sobre a vigilância exacerbada no ambiente escolar, Arriada, Medeiros Nogueira e Vahl (2012) afirmam:

O olhar panóptico vigia tudo e todos, desde atitudes, gestos, comportamentos até condutas e notas, ou seja, todos os espaços escolares são vigiados: corredores, pátios, salas. Mesmo quando não existe a presença física de alguém, o aluno é induzido a comportar-se como se houvesse um olhar permanente e atento. (Arriada, Medeiros Nogueira e Vahl, p. 46, 2012)

Os autores ressaltam que essa dimensão de controle se intensifica dentro da sala de aula, onde o professor exerce autoridade incontestável como ordenador e administrador do espaço. Infelizmente,

aos alunos cabe a obediência, o silêncio e, quando solicitados, responder às perguntas dos professores.

Com o avanço das tecnologias, muitos discentes e docentes estão inseridos em ambientes altamente controlados por câmeras de vigilância. Essa monitoração é entendida como mais uma medida disciplinar, uma vez que os alunos podem temer que as gravações sejam encaminhadas ao diretor, autoridade máxima na escola, levando-os a cumprir rigorosamente as regras estabelecidas.

Melgaço (2012) observa que, no Brasil, as câmeras têm sido vistas como uma solução para problemas de segurança. A esses equipamentos são atribuídas capacidades quase milagrosas de controle do medo e organização do espaço. Contudo, o excesso de racionalidade no uso dessas ferramentas pode gerar efeitos adversos, como a exacerbação da irracionalidade, levando a um ambiente altamente controlado e opressor para discentes e docentes.

Por fim, verifica-se que o ambiente escolar é amplamente controlado. Como já mencionado, a escola permanece presa a velhas e ultrapassadas práticas. Todo esse aparato educacional serve para disciplinar os estudantes e moldá-los conforme os padrões considerados ideais pelo senso comum.

Discurso Sobre o Ensino Integral: A Perspectiva Docente Acerca Dessa Modalidade de Ensino

O presente trabalho tem como foco analisar o discurso de professores atuantes no ensino integral. Para tanto, relaciona-se com a teoria foucaultiana de docilização dos corpos.

A Análise do Discurso (AD), segundo Orlandi (2015), não trata da língua nem da gramática, embora ambas lhe interessem. A autora conceitua que a palavra discurso carrega a ideia de curso, percurso e movimento. Portanto, o discurso é a palavra em ação, em movimento, ou seja, a realização da linguagem. Por meio do estudo discursivo, observa-se o homem se comunicando.

A análise deste trabalho será feita por meio da verificação discursiva sobre a concepção de 10 professores acerca do ensino integral. Realizou-se a coleta de dados por meio da plataforma Forms.

Os apontamentos dos professores fornecem dados importantes sobre o ensino integral e a docilização corpórea que ocorre no espaço escolar. Tais declarações legitimam como o poder se manifesta no ambiente estudado, bem como se essa relação de poder foi exacerbada ou não com o ensino integral. Sabe-se que, no ambiente escolar, são proferidos discursos de poder e verdade.

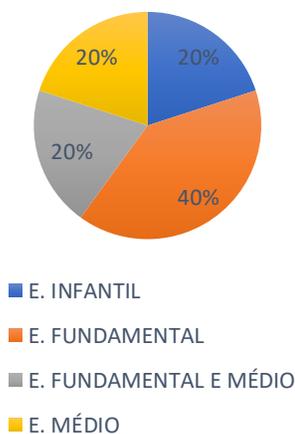
Ressalta-se que, por meio de preceitos foucaultianos, busca-se desnudar o ensino integral, contextualizando se essa categoria de ensino intensifica a disciplina corpórea ou fomenta um ensino de qualidade, com prazer e realização discente.

Os discursos que serão analisados são fidedignos e encontram-se legitimados em Foucault (2019), que indica que, em qualquer sociedade, ocorrem variáveis relações de poder que perpassam, indicam e formam o corpo social. Essas relações de poder não podem se desintegrar, firmar ou entrar em funcionamento sem uma produção, concentração, propagação e desempenho discursivo. “Não há possibilidade de exercício do poder sem uma certa economia dos discursos de verdade que funcione segundo essa dupla exigência e a partir dela.” (FOUCAULT, 2019, p. 278-279).

Os apontamentos discursivos dos docentes sobre o ensino integral serão revelados e analisados. Os docentes serão identificados por meio de numeração, iniciando-se pelo número 1 e terminando no número 10, tendo em vista que contamos com a participação de 10 professores.

Todos os profissionais da pesquisa atuam no ensino integral, porém têm atuação em etapas de ensino divergentes. Sendo assim, em um primeiro momento, será fornecida a porcentagem dos profissionais de acordo com sua etapa de atuação.

### ETAPA DE ENSINO



Verifica-se que o maior número de participantes leciona, exclusivamente, no ensino fundamental. Já no ensino fundamental e médio, 20% dos participantes ministram aulas. A mesma

porcentagem aparece para a educação infantil e o ensino médio.

Os professores opinaram, em texto, sobre a relação entre o bem-estar físico e mental e o aumento da carga horária. Ou seja, responderam se o aumento da carga horária seria benéfico para os estudantes. As opiniões dos docentes foram devidamente justificadas.

Sendo assim, será iniciada a análise discursiva dos informantes. O primeiro participante será identificado, conforme indicado anteriormente, pelo número 01. A seguir, encontra-se o apontamento do participante:

*“Acredito que o aumento da carga horária afetará significativamente o aprendizado das disciplinas de base, pois, com cinco minutos a mais nas disciplinas de Português e Matemática, será possível uma melhor absorção dos conteúdos aplicados. Contudo, o aumento da carga horária escolar pode contribuir tanto positivamente quanto negativamente para as características do bem-estar físico e mental dos estudantes, dependendo de como essa carga é organizada e dos recursos oferecidos. Nesse contexto, não vejo como isso pode afetar o bem-estar físico e mental dos estudantes. O impacto depende da qualidade e da diversidade das atividades dentro da carga horária. Ou seja, uma abordagem equilibrada, que priorize o bem-estar integral, tende a ser benéfica. No entanto, o aumento da carga, sem considerar a necessidade de descanso, atividades criativas e suporte emocional, pode ser prejudicial.”*  
 (Participante 01)

O participante 01 conceitua que o aumento da carga horária escolar poderá ser positivo ou negativo para o bem-estar físico e mental dos estudantes, indicando que, para que ocorram benefícios, faz-se necessária uma abordagem equilibrada que priorize o bem-estar integral. Todavia, o participante ressalta que a desconsideração de necessidades, como o descanso e o suporte emocional, pode ser prejudicial para os estudantes.

O participante 02 posiciona-se como defensor do aumento da carga horária, como se verifica a seguir:

*“Sim. Porque permite um maior envolvimento dos estudantes com a vida escolar e, conseqüentemente, com todos os benefícios daí advindos. Vale acrescentar que esses benefícios repercutem ainda na carreira do professor, pois ele acaba lidando com um público mais familiarizado e envolvido. A maior carga horária favorece o amadurecimento de práticas, a consciência do*

*professor sobre os alunos e vice-versa, aproximando os sujeitos do processo de ensino-aprendizagem.” (Participante 02)*

Verificam-se diferenças discursivas entre os participantes 01 e 02, pois o participante 01, como já mencionado, tece comentários sobre necessidades biológicas, como o descanso. Já o participante 02 não manifesta preocupação com os ritmos biológicos dos estudantes.

Souza (2018) relata que o debate sobre ritmos escolares ampliou a temática sobre o tempo presente no período integral. A autora indica a presença de esquecimento do corpo e de suas necessidades, como repouso, sono, ritmos biológicos e descanso. A autora adverte que a universalização da jornada escolar diária fomentará riscos. Para Souza (2018), a universalização destoa da maneira como crianças e adolescentes se relacionam com o tempo, sendo necessária a reflexão de que a escola não conseguirá regular o tempo de acordo com o ritmo de cada aluno.

Os informantes 03 e 04 corroboram Souza (2018), pois ambos destacam o esquecimento dos ritmos biológicos, indicando que a carga horária exacerbada promove cansaço:

*“Não, porque é cansativo para os alunos e professores.” (Participante 03)*  
*“Percebemos os alunos demonstrando cansaço e, em alguns momentos, desinteresse.” (Participante 04)*

Os participantes 05 e 06 apontam que o aumento da carga horária não contribui para o bem-estar físico e mental. Todavia, não detalham o motivo dessa percepção negativa sobre o aumento da carga horária escolar. Observam-se, a seguir, as considerações dos participantes:

*“Não.” (Participante 05)*  
*“Não contribui.” (Participante 06)*

O participante número 07 relata que o aumento da carga horária não contribui para o desenvolvimento físico e mental do estudante, visto que as escolas não possuem condições adequadas para fornecer o básico aos discentes. O seu apontamento está abaixo:

*“Não, uma vez que as escolas não têm condições de fornecer o básico.” (Participante 07)*

Já o participante 08 aponta que, para estar na escola em tempo integral, é necessário ter perfil. Verificam-se os apontamentos do participante abaixo:

*“Depende muito dos alunos que têm perfil para estar no tempo integral. Alguns se desenvolvem muito bem, enquanto outros não possuem características próprias e acabam ficando inquietos, atrapalhando os demais.” (Participante 08)*

Destaca-se que o participante 08 rotula os estudantes como próprios para o ensino integral, ou seja, aqueles que possuem perfil, e impróprios, sem perfil. Tal prática se relaciona ao poder disciplinar, visto que opera com conceitos normativos e hierarquias, rotulando os discentes como adequados e inadequados. Esse processo gera exclusões.

Sobre esse processo, Foucault (1988, p. 195), no livro *Vigiar e Punir*, aponta que a disciplina trabalha na fabricação de indivíduos, sendo considerada a técnica pormenorizada de um poder que se apossa dos indivíduos, tornando-os instrumentos de sua funcionalidade.

Os participantes 09 e 10 visualizam pontos positivos no aumento da carga horária escolar. O participante número 09 indica o aumento das oportunidades de aprendizado no ensino integral, já o participante 10 destaca que o aumento da carga horária é importante, visto que os alunos ficam dentro da unidade escolar, estudando ou praticando atividades extras.

Verificam-se os apontamentos a seguir:

*“Sim, pois o aluno tem mais oportunidades de aprendizado.” (Participante 09)*

*“Sim, porque eles ficam dentro da escola, estudando ou praticando uma atividade extra.” (Participante 10)*

Perguntou-se aos docentes se era perceptível sinais de cansaço, estresse ou desmotivação nos discentes devido à permanência prolongada na escola. A seguir, verificam-se os apontamentos do participante 01:

*“Neste ano de 2024, com a implementação e obrigatoriedade das plataformas educacionais, como a de Tarefas, Redação e Leitura (Plataforma Leia), Khan Academy, Matific, etc., ficou visível o cansaço dos estudantes. No entanto, no contexto da educação integral, as escolas devem planejar atividades que envolvam não apenas o ensino acadêmico, mas também momentos para lazer, prática de esportes, atividades culturais e, principalmente, para descanso, visando evitar a sobrecarga e promovendo uma vivência mais harmoniosa com o seu ritmo natural.”*

*Isso contribui para um ambiente educativo mais saudável e favorável ao aprendizado." (Participante 01)*

O participante 01 indica que a implementação obrigatória de plataformas educacionais na rede de ensino na qual leciona provocou cansaço perceptível nos estudantes. Chama-se a atenção para a palavra "obrigatoriedade", que remete à ideia de imposição aos docentes e discentes quanto ao uso dessas tecnologias.

A seguir, verifica-se a resposta do participante 02:

*"Em alguns, mas nada que inviabilize o seu aproveitamento escolar." (Participante 02)*

O participante 02 utilizou o pronome indefinido "alguns" para indicar que percebeu sinais de cansaço, estresse e desmotivação em estudantes, mas de forma imprecisa. No entanto, observa-se que ele deu mais ênfase ao aproveitamento escolar do que ao reconhecimento das necessidades e ritmos biológicos dos alunos.

Os participantes 03, 04, 05 e 09 possuem posições semelhantes, apontando percepção de sinais de cansaço e desmotivação nos estudantes, como se verifica abaixo:

*"Sim, muita." (Participante 03)*

*"Sim, muito." (Participante 04)*

*"Sim." (Participante 05)*

*"Sim, muitas vezes." (Participante 09)*

Chama-se a atenção para a ponderação do participante 06 sobre os sinais de cansaço e desmotivação observados nos alunos. Segundo ele, os alunos possuem preguiça, o que ele expressa de forma mais contundente:

*"Sim, mas os adolescentes hoje são 'vagabundos' por natureza." (Participante 06)*

Conceituar estudantes como "vagabundos" destoa dos posicionamentos de Foucault (1988), pois trata-se de um ato discursivo com a intenção explícita de marginalizar sujeitos, no caso, estudantes, por não aderirem às expectativas de disciplina e produtividade impostas pelo sistema educacional.

De acordo com a teoria foucaultiana, o comportamento denominado "vagabundagem" pode ser interpretado como uma recusa a práticas que desconsideram as reais necessidades dos estudantes.

O participante 07 corrobora com a resistência estudantil, indicando que muitos estudantes se sentem cansados, desmotivados e não aceitam o ensino integral:

*"Muito, os estudantes não querem ensino integral." (Participante 07)*

O participante 08 atrela o cansaço à distância entre a residência dos estudantes e a unidade escolar, inclusive mencionando alunos que necessitam de transporte coletivo:

*"Em alguns alunos, sim, devido a acordarem muito cedo pela distância entre a unidade e seus lares, uma vez que utilizam transporte escolar." (Participante 08)*

Ressalta-se que o poder público, nesse sentido, não está cumprindo o que estabelece a Lei de Diretrizes e Bases da Educação (LDB), pois, de acordo com Brasil (1996), o inciso X do artigo 4º garante a toda criança, a partir dos 4 anos de idade, o direito de estudar na escola de ensino fundamental ou educação infantil mais próxima de sua moradia.

O participante 10 indicou que os discentes apresentam sinais de cansaço perceptíveis, e o profissional sugeriu a implantação de redes de descanso no pátio escolar:

*"Sim, neste sentido, sugiro a implantação de redes de descanso no pátio da escola." (Participante 10)*

Sendo assim, o participante 10 aponta que a unidade em que leciona não está pronta para essa modalidade de ensino, já que os estudantes estão tendo dificuldades para descansar.

Devido às ponderações acima feitas pelos profissionais sobre o horário estendido do ensino integral, perguntou-se aos professores se eles percebem os alunos adotarem determinadas estratégias para sair mais cedo, como alegar dor de cabeça e outras enfermidades. Surpreendentemente, 80% dos professores relataram que os alunos procuram meios para sair da unidade escolar, e 20% indicaram que talvez.

Foucault (1987, *Vigiar e Punir*) coloca a escola como uma instituição disciplinar, assim como a prisão, o hospital e os quartéis. Tal instituição, de acordo com Foucault, busca moldar os corpos e mentes dos indivíduos por meio de regras, horários e vigilância.

Sendo assim, o aumento do tempo no modelo integral reforça os mecanismos disciplinadores. Nesse sentido, ocorre a ampliação do tempo em que os estudantes estão expostos às normas, influências e valores da instituição escolar.

## CONSIDERAÇÕES FINAIS

O conceito de educação integral, de acordo com a BNCC, transcende a ampliação da permanência na escola, pois, de acordo com Brasil (1998), a Base Nacional Comum Curricular deixa evidente o compromisso com essa modalidade de ensino, buscando a formação e o desenvolvimento humano integral. O documento normativo assume-se de forma plural, singular e integral com todos os envolvidos no processo de aprendizagem.

Busca-se, assim, a promoção educacional direcionada ao acolhimento, reconhecimento e desenvolvimento completo, por meio das diversidades e singularidades.

O estudo apontou que, por mais que a BNCC busque a educação integral e completa, ainda há muito a ser alcançado, pois a associação entre o espaço escolar e o modelo integral prolifera práticas de controle que desconsideram as necessidades dos discentes.

Souza (2018) destacou as tensões existentes entre o tempo do corpo e o tempo da escola. Sabe-se que os ritmos biológicos e o corpo são frequentemente esquecidos, e as necessidades humanas, negligenciadas.

A análise mostrou tensões discursivas entre os professores, indicando que o ensino integral possui meios para proporcionar aprendizado. Todavia, ele também apresenta mecanismos que podem gerar sobrecargas físicas e emocionais.

Novos caminhos precisam ser traçados em busca de melhorias para o ensino integral. Os alunos precisam ser ouvidos, as aulas dinâmicas devem ser planejadas, o espaço escolar deve ser mais bem aproveitado, e os ritmos biológico, físico, social e psicológico devem ser respeitados.

Destaca-se que os apontamentos discursivos dos professores, embora importantes, não conseguem aprofundar completamente os impactos do ensino integral. Sendo assim, faz-se necessária a produção de pesquisas voltadas para todos os envolvidos no ensino

integral, principalmente considerando as percepções e angústias dos discentes, pois são os mais afetados.

Diante do exposto, indica-se a criação de práticas pedagógicas que edifiquem os alunos por meio da valorização da individualidade corporal, respeitando seus ritmos e necessidades de movimento, concomitantemente com o fomento de um local de aprendizado humanizado, democrático, inclusivo e prazeroso

## REFERÊNCIAS

ARRIADA, Eduardo; MEDEIROS NOGUEIRA, Gabriela; MACIEL VAHL, Mônica. A sala de aula no século XIX: disciplina, controle, organização. **CONJECTURA: filosofia e educação**, [S. l.], v. 17, n. 2, 2012. Disponível em: <https://sou.ucs.br/etc/revistas/index.php/conjectura/article/view/1649>. Acesso em: 31 dez. 2024.

BOZZ, A. C. S.; PELEGRINI, Thiago. O conceito de (in)disciplina, e disciplinarização no âmbito escolar. In: CONGRESSO NACIONAL DE FORMAÇÃO DE PROFESSORES DE EDUCAÇÃO FÍSICA, 3.; CONGRESSO NORTE PARANAENSE DE EDUCAÇÃO FÍSICA ESCOLAR, 8., 2017. **Anais...** Londrina: UEL, 2017. v. 1, p. 1-10. Disponível em: <https://www.uel.br/eventos/conpef/portal/pages/arquivos/ANAIS>

[%20CONPEF%202017/o%20conceito%20de%20130682-19809.doc.pdf](https://www.uel.br/eventos/conpef/portal/pages/arquivos/ANAIS%20CONPEF%202017/o%20conceito%20de%20130682-19809.doc.pdf) Acesso em: 31 dez. 2024.

BRASIL. Lei nº 9.394, de 20 de dezembro de 1996. **Lei de Diretrizes e Bases da Educação Nacional**. Brasília: Presidência da República, 1996. Disponível em: [http://www.planalto.gov.br/ccivil\\_03/leis/19394.htm](http://www.planalto.gov.br/ccivil_03/leis/19394.htm). Acesso em: 01 jan. 2025.

BRASIL. Ministério da Educação. **Base Nacional Comum Curricular (BNCC)**. Brasília: MEC, 2017. Disponível em: <http://basenacionalcomum.mec.gov.br/>. Acesso em: 01 jan. 2024.

BRASIL. Ministério da Educação. **Base Nacional Comum Curricular: Ensino Médio**. Brasília, DF: MEC, 2018. Disponível em: [https://www.gov.br/mec/pt-br/cne/bncc\\_ensino\\_medio.pdf](https://www.gov.br/mec/pt-br/cne/bncc_ensino_medio.pdf) . Acesso em: 01. jan. 2024.

CARVALHO, Levindo Diniz. Educação integral e institucionalização da infância: o que as crianças dizem da/na escola. **Cadernos de Pesquisa em Educação**, v. 19, n. 42, p. 13-28, 2015. Disponível em:<

<https://periodicos.ufes.br/educacao/article/view/12165/8598>>

. Acesso em: 30 dez. 2024.

FERRARI, Anderson; DINALI, Wesley. Herança moderna disciplinar e controle dos corpos: quando a escola se parece com uma “gaiola”. **Educação em Revista**, v.28, n2, p.393 -422, 2012. Disponível em: <  
<https://periodicos.ufmg.br/index.php/edrevista/article/view/21006/30521>>. Acesso em: 01 jan. 2024.

FOUCAULT, Michel. **Vigiar e punir: nascimento da prisão**. Tradução de Raquel Ramalhete. Petrópolis: Vozes, 1987.

\_\_\_\_\_. **Microfísica do poder**. 9. ed. Rio de Janeiro: Paz e Terra, 2019.

LIMA, Paulo Gomes. INDISCIPLINA NA ESCOLA. **Educere et Educare**, v. 4, n. 8, p. 323–327, 2010. Disponível em: <<https://e-revista.unioeste.br/index.php/educereeteducare/article/view/2198>>. Acesso em: 31 dez. 2024.

ORLANDI, Eni Pulcinelli. **Análise do discurso**. 12. ed. Campinas, SP: Pontes, 2015.

SOUZA, Maria Celeste Reis Fernandes. Tempo integral: tensões entre os tempos da escola e os tempos do corpo. **Educar em Revista**, v. 34, n. 67, p. 159-175, 2018. Disponível em: <<https://www.scielo.br/j/er/a/BjQmSTNmWRbG3k85LkvdVC/?format=pdf&lang=pt>> Acesso em: 30 dez. 2024.

SOUZA, Nádia Geisa Silveira de; ARNT, Ana; RABUSKE, Anelise. A fabricação do corpo: efeitos da disciplinarização dos saberes e do corpo nas práticas escolares. **Revista Gênero**, v. 34, n2, p.117 – 136, 2007. Disponível em: <  
<https://periodicos.uff.br/revistagenero/article/view/30976/18065>> Acesso em 30 dez. 2024.

TRAGTENBERG, Maurício. Relações de poder na escola. **Lua Nova: Revista de Cultura e Política**, v. 1, p. 68-72, 1985. Disponível em: <<https://www.scielo.br/j/ln/a/46qt7qRgrM3347pKyt3YqGx/>> Acesso em 25 dez. 2024.

VALONES, Maria Alves. **O poder disciplinar na relação pedagógica no cotidiano escolar**. 2003. Dissertação (Mestrado). Programa de Pós-Graduação em Educação, Universidade Federal de Pernambuco, Recife, 2003. Disponível: <  
<https://repositorio.ufpe.br/handle/123456789/4749>>. Acesso